

Circo Matemático

Alexandre Silva, Jorge Nuno Silva, Tiago Santos, Rita Santos, Valter Nunes

A sonhar não estava!

Contudo, o concurso era estranho... Por cada nota de saxofone eu tinha de dar um passo para a frente ou para trás. Também podia andar para os lados. Por cada passo dado, um pedaço do chão desaparece, revelando uma fundura infinita. Infinita? Como saber, se cada buraco é um poço de breu...

O soalho estava dividido em nove quadrados, qual Jogo do Galo. Cada um tinha uma promessa de prémio estampada a berrante cor-de-laranja: 20 000€, 5000€, ...

Mi-Sol-Si-Ré-Fá e Zás! Mais um sector desaparece! Sorte que eu estava noutro. Será que me poderei salvar? Será que este jogo acabará antes de desaparecer o chão todo? Serei engolido? Estas dúvidas angustiantes levavam o meu coração a martelar-me o peito....

Já só há três quadrados de soalho, a sorte tem-me bafejado, mas... até quando?

Fá-Lá-Dó e Zás! Escapei por pouco... Mi e Zás! Estou no último sector, a próxima nota será a minha sentença de morte!

A música parou. Silêncio absoluto. Reparo agora que o prémio do meu sector é afinal um castigo: Desterro na Terra da Matemagia.

Que sentido pode tudo isto fazer? Sei bem que não estou a sonhar! Mas, Terra da Matemagia!? Onde é isso, nas Berlengas? Ou será no Cu de Judas?

“Já para a Terra da Matemagia!” gritou a plenos pulmões uma voz grave, vinda de cima, não sei bem de onde. Quem estaria a dar ordens tão grosseiramente?

Um rapaz e uma rapariga, vestidos com berrantes jardineiras cor-de-laranja, aproximaram-se de mim e vestiram-me um colete do avesso, após o que me algemaram!

A voz ecoou de novo, agora com tom triunfante e cruel: “Para saíres da Terra da Matemagia tens de vestir o colete direito, sem retirar as algemas. Ah ah ah!”

Que diabo! Algemado não posso despir o colete. Se não o posso despir, como posso vesti-lo direito? Fiquei desesperado, olhei em volta e procurei auxílio sei lá em quê...

O tempo passava e eu desesperava, sozinho, algemado e com um ridículo colete castanho que até me ficava grande de mais. Irritado, puxei na nuca pelas costas do colete, que passou sobre a minha cabeça e aterrou nas algemas. Será que... e comecei a tentar virá-lo. Uns minutos bastaram para conseguir vestir apropriadamente o colete. Sem tirar as algemas! Esqueci por momentos a minha situação desgraçada e senti-me contente comigo mesmo. Quem havia de dizer, virar um colete com algemas nos pulsos!...

A voz destruiu-me o bom momento, explodindo: “O quê? O rapaz conseguiu? Tragam a folha. Quero a folha! O raio do rapaz! A folha, já!”

Surge outro casal vestido com ridículas jardineiras, cada um tendo na mão o que parecia ser uma vulgar folha A4, só que também estas eram cor-de-laranja. Um deles estendeu-me a sua folha.

A voz continuou: “Para saíres da Terra da Matemagia terás de fazer um buraco nessa folha por onde possas passar! Ah ah ah!” O seu tom não augurava nada de bom. Por que me atribuía uma tarefa obviamente impossível? Com jeito, talvez pudesse fazer um furo bastante largo para passar uma mão, talvez um pé, mas eu todo? Impossível! Eu sou muito maior do que a folha...

Em desespero mirei e remirei a folha, procurando alguma magia escondida, mas nada. Enervado, amarrotei-a e atirei-a ao chão. Foi neste momento que a outra folha me foi entregue. Era igual à primeira, mas continha uns riscos que nem a minha aflição impediu de interpretar como instruções de corte... Em poucos minutos tinha um buraco enorme! Passar por ele foi fácilimo! Passaria um elefante (dos pequenos, claro)!

A voz ressoou, colérica: “Conseguiu? Como é que conseguiu? Teve ajuda? Houve batota? Raios partam o rapaz! Tragam o Matemágico-mor. O Matemágico-mor!” A gritaria fez estremecer tudo... Eu tremia como varas verdes. Limpava o suor da testa quando vi aproximar-se mais umas jardineiras cor-de-laranja. O Matemágico-mor era mais corpulento que os outros e tinha grandes caracóis grisalhos despenteados.

À minha roda passou três vezes, passou três vezes a assobiar, e disse: “Se uma russa te mostrar quatro cartas, algumas de costas, outras de frente, o que estará a dizer?”

Embasbacado, mudo e quedo fiquei, sem reação. “Olha”, disse o Matemágico-mor com ar enfasiado, “o que é isto?” e apontou para um Seis de Espadas, duas cartas de costas e um Valete de Ouros. “Então?”, pressionou. Atrevi-me a responder: “É a sena de...” mas

ele cortou célere: “Disparate! É a Manilha!” Respirou fundo, visivelmente incomodado, suspirou a plenos pulmões e resolveu dar-me mais uma oportunidade. “Vês estas cartas de Copas?” Claro que sim, acenei, tratava-se do Ás, Duque e Terno de um baralho gigante. “Escolhe uma e está calado!” Após uma manobra típica de Vermelhinha, perguntou-me “Qual é a tua? Onde está?” Trémulo, apontei, à sorte, para a carta do meio das três que estavam agora de costas sobre a mesa. O Matemágico-mor virou-a, tratava-se do Ás, que não era a minha carta. Aparentando grande fadiga, comunicou-me: “Não, rapaz! A tua carta era o Terno!” Ele tinha razão, mas eu não compreendia o sentido de nada disto...

Olhou para mim com um misto de desdém e piedade. “Não te auguro nada de bom... mas vou dar-te mais uma chance. Está aqui um livro Uma das suas palavras também está escrita num papel fechado num sobrescrito que está sobre aquela cadeira. Descobre essa palavra!” Sobre uma cadeira que nunca notara estava de facto um envelope (cor-de-laranja!). Como poderia eu adivinhar a palavra? Esfolheei o livro, estava cheio de palavras diferentes, como costuma suceder com os livros normais... Não sabia o que fazer.

“Não percebes? Tens de pensar num número de três dígitos. Sabes o que são números e dígitos, não sabes?” Sim, claro que sabia, mas como posso eu adivinhar uma palavra com números, disse para comigo. Contudo, a minha mão pegou no lápis e escreveu um número. Após uma escarafunchice aritmética indicada pelo cabeludo, obtive 1089. Vá lá, pelo menos não deu 42. O número 1089 pareceu-me um resultado normal, mas este número era um velho conhecido meu. Num conto que lera há algum tempo um detective perguntava a alguns suspeitos quanto é 33×33 . 1089 foi uma das respostas (a correta, se me lembro bem). O que fazer agora? O Matemágico-mor pareceu entusiasmar-se pela primeira vez. Eu estava no caminho certo!

1089... 1089... 1089... Tive uma ideia louca e procurei a nona palavra da oitava linha da décima página e... acertei! De repente mil luzes se acenderam, o som do saxofone voltou, agora tocando estridente música de circo! O sorriso do Matemágico-mor não enganava, eu acabara de ganhar a liberdade. Muitas jardineiras cor-de-laranja me rodearam, deram-me uma prenda e os parabéns! A prenda era um conjunto de cartões cheios de números.

Que, como era um craque, não me seria difícil descobrir a magia desses cartões, disseram.

Afinal, tratava-se de uma ida ao Circo, o Circo Matemático. Tudo estava bem. Voltei para a beira dos meus amigos, recuperando a respiração e a confiança no mundo. Que sou um craque? Eu?!... Claro!

PS: O CIRCO MATEMÁTICO é uma secção da Associação Ludus. Mais informações em <http://ludicum.org/cm>



Alexandre Silva é professor no Colégio de S. Tomás

Jorge Nuno Silva é professor na FCUL

Tiago Santos é aluno da FCUL

Rita Santos é aluna do IST

Valter Nunes é professor na Escola Básica da Venda do Pinheiro